

# ENTRE A SUBJETIVIDADE E O MEIO AMBIENTE NO MUNICÍPIO DE MIRANTE DO PARANAPANEMA-SP: OS MORADORES DA BACIA DO RIBEIRÃO SANTO ANTÔNIO E SUAS PAISAGENS\*

Reginaldo José de SOUZA\*\*

Resumo: Uma das abordagens em voga na ciência geográfica diz respeito à percepção do indivíduo sobre seu espaço de vida. A análise dos diferentes modos de captação *da* e reação à paisagem pelas pessoas em seu cotidiano é um importante elemento para aprofundar o conhecimento sobre as dinâmicas socioambientais em um dado território. Sendo assim, apresentaremos neste texto a análise de entrevistas semidirigidas que realizamos com os moradores da bacia do ribeirão Santo Antônio em Mirante do Paranapanema-SP. Estrutturamos o artigo em basicamente três partes. Em um primeiro momento trataremos das principais nuances teóricas que conduziram a elaboração do trabalho. Em seguida, serão expostos os procedimentos metodológicos utilizados e, por fim, a sistematização das informações obtidas durante as entrevistas.

Palavras-chave: paisagem, território, meio ambiente, percepção, subjetividade.

Résumé: L'une des approches en vogue dans la science géographique se réfère à la perception de l'individu a propos de votre espace de vie. L'analyse des différents modes de capture et réaction au paysage par des personnes dans leur vie quotidienne est un élément important pour approfondir la connaissance de la dynamique socio-environnementale sur un territoire donné. Ainsi, dans ce

---

\* Artigo resultante de nossa pesquisa no âmbito do projeto temático “Dinâmicas socioambientais, desenvolvimento local e sustentabilidade na Raia Divisória São Paulo-Paraná-Mato Grosso do Sul”, coordenado pelo Prof. Dr. Messias Modesto dos Passos e apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo FAPESP 2005/55505-3).

\*\*Mestre em Geografia. FCT/UNESP. Câmpus de Presidente Prudente.  
[reginaldogeo@hotmail.com](mailto:reginaldogeo@hotmail.com)

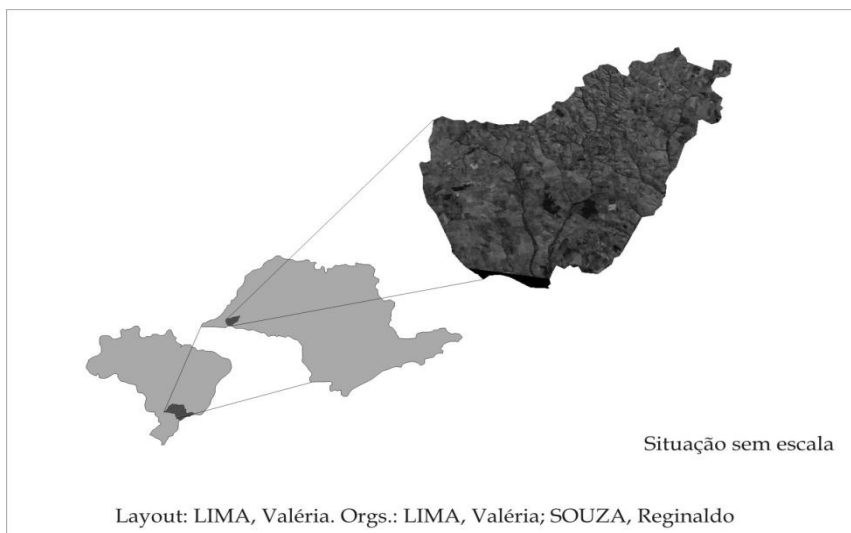
texto nous présenterons l'analyse des interviews semi structurés avec des habitants du bassin du ruisseau Santo Antônio, au Mirante do Paranapanema-SP. Nous organisons l'article dans essentiellement trois parts. D'abord, nous traiterons des nuances théoriques majeurs conduisant à l'élaboration du travail. Ils seraient, ensuite, exposées les méthodes utilisées et, enfin, la systématisation des informations obtenues lors des interviews.

Mots-clés: paysage, territoire, environnement, perception, subjectivité.

## INTRODUÇÃO

Abordaremos neste texto a análise dos principais aspectos referentes às formas de apreensão (percepção) da paisagem de alguns moradores da bacia do ribeirão Santo Antônio, localizada no município de Mirante do Paranapanema, sudoeste paulista. (figura 1).

**Figura 1: Localização de Mirante do Paranapanema**



O município, desde momentos anteriores à sua emancipação político-administrativa (ano de 1953) até os dias atuais, conheceu inúmeras transformações da paisagem que estiveram vinculadas, sobretudo, ao processo de apropriação do território dentro de moldes econômicos pouco atentos à preservação do meio ambiente e, por isto, causadores de alterações ambientais bastante negativas, tais como: desmatamentos, aceleração de processos erosivos, assoreamento de ribeirões etc.

Estas alterações incidem direta e negativamente sobre a população local, consubstanciando-se em um franco impacto socioambiental didaticamente percebido por meio dos discursos dos moradores da área rural, notadamente os pequenos proprietários e produtores assentados que assistem à diminuição da capacidade de apascentamento de gado em seus lotes ou ao empobrecimento cada vez mais acentuado do solo impedindo, atualmente, a implantação de determinadas lavouras.

Para melhor compreendermos estas dinâmicas, realizamos entrevistas semidirigidas<sup>1</sup> com os moradores da bacia do ribeirão Santo Antônio com vistas a capturar elementos referentes à suas percepções paisagísticas e adentrar um pouco mais no universo subjetivo composto pelas complexas relações estabelecidas entre os homens e seus espaços de vida<sup>2</sup>. Este é o tema central do presente artigo. Porém, antes de expormos a análise das entrevistas em si, primeiramente apresentaremos as nuances teóricas em que nos baseamos para a elaboração do trabalho e, em

---

<sup>1</sup> Utilizamos procedimento análogo ao de Renó (2009) em sua abordagem sobre “O Sertão Mineiro: um território em busca de suas paisagens e identidades”. Em sua Tese de Doutorado, esta pesquisadora adotou a realização da entrevista semidirigida como estratégia para captação dos olhares da população como forma de retirar a paisagem de uma “aparente banalidade” e analisar os aspectos extraordinários apontados pelos entrevistados. (Cf. RENÓ, 2009, p.128)

<sup>2</sup> Vale frisar que as entrevistas foram realizadas entre os meses de abril e junho de 2009.

seguida, os elementos do guia de procedimentos metodológicos adotados.

## **MEIO AMBIENTE, SUAS PAISAGENS E SEUS AGENTES SOCIAIS: POSSIBILIDADES DE ANÁLISE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA QUOTIDIANA**

Atualmente, o discurso sobre o meio ambiente é multicêntrico, do senso comum à mídia; do ensino básico ao acadêmico; entre a filosofia e a ciência; entre as ciências naturais e humanas. À Geografia cabe o enfoque sobre a problemática socioambiental dentro de um quadro teórico e metodológico específico, ou seja, aquele em que são abarcadas determinadas categorias de análise e conceitos que caracterizam esta ciência.

Assim, o meio ambiente em tal contexto científico pode ser tratado por meio de categorias como território ou paisagem. Certamente é possível dizer que estas categorias assumem papéis cada vez mais centrais no âmbito do discurso geográfico, contribuindo de modo significativo para a evolução do pensamento em torno da disciplina como um todo. Já que oferecem um salto qualitativo em termos epistemológicos ao discurso geográfico, conseqüentemente se prestam como “chaves” para entrada na questão ambiental.

Dematteis (2007, p.7), por exemplo, fazendo referência à importância da abordagem territorial na Geografia, nos lembra que as concepções territorialistas mais recentes “absorvem e reelaboram as diferentes concepções da geografia do passado: como ciência da diferenciação do espaço terrestre, ciência das relações multiescalares entre o ambiente físico e a sociedade humana, ciência da paisagem e assim por diante”.

A Geografia tradicionalmente é uma ciência que perpassa entre dois discursos: o social, de um lado, e o naturalista, de outro. Recentemente, sobretudo com a emergência e intensidade da problemática ambiental, este ramo científico vem se preocupando cada vez mais com a construção de um conhecimento mais

profundo sobre a relação da sociedade com a natureza, entre os homens e seu (s) meio (s) ambiente (s), considerando-se que o homem é promotor de profundas transformações da natureza pela via do sistema econômico em que se organiza.

Santos (1999, p.117) nos lembra que no passado os eventos sociais ocorriam nos interstícios dos eventos naturais, enquanto o homem ainda não havia se organizado sob os moldes do atual meio técnico-científico-informacional. Hoje em dia a situação é inversa, são os eventos naturais que ocorrem nos interstícios dos eventos sociais. Este fato tem graves repercussões na medida em que as dinâmicas da natureza se alteraram e de forma negativa são refletidas na própria sociedade.

Neste sentido, compreendemos que deve ser do interesse do geógrafo analisar o meio ambiente ou a problemática socioambiental de forma integrada, onde a natureza não seja encarada de maneira compartimentada e/ou enquanto sinônimo de ecossistema regido por leis exclusivamente naturais. É preciso ir além de certas concepções e considerar a Geografia enquanto uma interpretação social do território e a polissemia do termo meio ambiente.

Segundo Bertrand:

*O meio ambiente é, antes de tudo, um imenso questionamento, global e confuso, quase metafísico, que a sociedade faz a si mesma e, mais precisamente, ao conjunto da comunidade científica. O meio ambiente é, em resumo, o que sobra quando as diferentes ciências não esqueceram nada em seus respectivos domínios, ou seja, todas as interconexões, e mais precisamente aquelas que fazem interagir os fatos naturais e os fatos sociais. Enfim, trata-se menos de uma ciência do que de uma consciência, coletiva e multiforme, à qual cada disciplina é obrigada a responder sob pena de desqualificação. (2007, p.84)*

Na concepção do autor mencionado, a ciência geográfica está bem situada no que diz respeito às respostas que os desafios impostos pelo questionamento sobre o meio ambiente impõem à comunidade científica. (BERTRAND, 2007, p.84) Porém, isso não deve ser interpretado de modo comodista ou algo do tipo. O tratamento geográfico do meio ambiente ainda apresenta uma série de lacunas, ou “caixas pretas”, que devem ser preenchidas e superadas.

Uma destas lacunas diz respeito à necessidade de abordar o meio ambiente tendo-se como princípio considerar os cenários prospectivos; afinal, “não podemos trabalhar com o meio ambiente sem pensar no futuro, imediato ou distante [...]”. (BERTRAND, 2007, p.89). Ao geógrafo cabe estar atento ao *aménagement* do território, ou dos territórios. (BERTRAND, 2007, p.285)

Referindo-se ao meio ambiente sob a perspectiva territorial, Bertrand (2007) nos remete a importância da análise paisagística. De um reencontro entre paisagem e Geografia e sua importância para a análise ambiental, sobretudo em termos de políticas de ordenamento do território.

O que há de mais interessante nesta abordagem é o fato de sermos levados a pensar nestas questões de ordenamento territorial não apenas pelo viés institucional: dos gestores municipais, estaduais ou federais (no caso brasileiro, por exemplo). A paisagem, como representação sociocultural, nos permite reintroduzir “o indivíduo, e sua sensibilidade, no processo social”. (BERTRAND, 2007, p.88)

*A recente consideração do meio ambiente, polarizada na urgência dos problemas de despoluição e de tratamento do lixo, preocupou-se pouco com as paisagens e aquilo que elas representam para as populações envolvidas.*

*[...] as mentalidades e os comportamentos dos cidadãos estão em plena evolução. Novos valores e novas necessidades aparecem [...]. Aparece uma verdadeira*

*mutação da sensibilidade que atinge nossas relações com o patrimônio e o território. (BERTRAND, 2007, p.286)*

Existem perspectivas de análise na Geografia que consideram a relação entre planejamento e gestão participada da paisagem (PINTO et. al., 2009). Isto significa, entre outros fatores, a importância cada vez maior que a dimensão da paisagem (como representação sociocultural) vem tomando no âmbito dos estudos territoriais ao passo que o território é considerado como “[...] um espaço natural, social e historicamente organizado e produzido” e a paisagem como o “[...] nível do visível e percebido deste processo”. (SAQUET, 2007, p.142 refletindo a respeito da obra de TURRI, 2002). Sendo assim, entendemos a relevância destas categorias para a análise geográfica do meio ambiente territorializado e, certamente, representado e percebido.

Ainda a respeito da paisagem, Santos (1997, p.61) a define como tudo aquilo que nós vemos, podendo ser tomada como o domínio do visível e formada não apenas por volumes, mas também por cores, movimentos, odores, sons etc. Devido a estas características, a paisagem torna-se objeto da percepção humana, do universo subjetivo dos indivíduos onde:

*[...] estão incluídos os sentimentos em relação às paisagens, ou seja, afetividades, vivências, experiências, valores, a cultura simbólica, as representações, identidades e territorialidades, que, segundo o tipo de experiência com a Natureza, ou percepção, reflete diferentes sentimentos e comportamentos com relação a ela. Para cada pessoa ou grupo a paisagem terá um significado, porque, as pessoas atribuem valores e significados diferentes às suas paisagens, traduzidos em sentimentos de enraizamento ou desapego aos lugares. (RISSO, 2008, p.72-73)*

Deste modo, a paisagem é diferentemente valorizada pelas pessoas que a produzem (de acordo com o grau de ligação que venham ter com a mesma) e por isto nos permite adentrar no mundo das representações da natureza, entre a sensibilidade e a subjetividade. Novamente destacamos a importante contribuição de Georges Bertrand neste sentido: ou seja, de recolocar a paisagem no cerne da fronteira entre a problemática social e a naturalista, no âmbito do território. Segundo o autor:

*A paisagem tornou-se a representação mais familiar e mais concreta do meio ambiente. A este título, ela constitui uma incomparável ferramenta de diálogo e de projeto para a organização/gestão [...], assim como um formidável caminho para a formação pedagógica. [...] A paisagem tornou-se muito importante para ser reduzida unicamente ao paisagismo. (BERTRAND, 2007, p.212)*

E esta importância está frequentemente vinculada às possibilidades que a paisagem oferece tanto como representação sociocultural e objeto da percepção humana quanto ponto de partida para a análise das dinâmicas socioambientais de um dado território, suas transformações históricas e, também, ponto de partida para a reflexão sobre formas de intervenção na realidade (objetivando o desenvolvimento local, por exemplo). A paisagem é caracterizada, antes de tudo, pela transversalidade: ela é categoria de análise; objetividade; subjetividade; (i)materialidade e possibilidade...

As sociedades/as pessoas percebem seu espaço de vivência, adquirem, formam e transmitem conhecimentos sobre seus lugares e territórios por meio da linguagem, de sons, de sabores, odores e imagens (rurais ou urbanas; belas; degradadas; saudosas; repulsivas etc.). “A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção”. (SANTOS, 1997, p. 62). É esta última que define o grau da reação dos indivíduos às paisagens – atribuição de valores, sentimentos, identidade. É ela que expressa quais as



paisagens que realmente fazem parte da vida e do cotidiano de cada um dos indivíduos e suas particularidades.

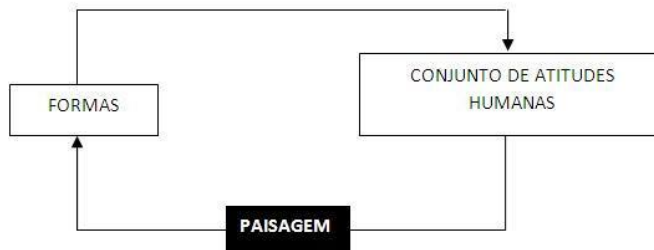
Renó (2009) em sua Tese de Doutorado intitulada “O Sertão Mineiro: um território em busca de suas paisagens e de suas identidades” apresenta uma interessante discussão a respeito da relevância da paisagem enquanto categoria geográfica que nos permite adentrar no universo simbólico da sensibilidade e aprofundar nosso conhecimento sobre as diversas representações do território.

Ribeiro (2007) expõe o valor da paisagem como conceito científico, em detrimento de algumas críticas que negam este valor relevado à paisagem devido à carga de subjetividade e polissemia subjacentes à sua definição. O referido autor nos lembra que paisagens são “locais de interação entre materialidade e as representações simbólicas” (p.9) e, deste modo, nos permitem perceber o sentido do mundo no qual estamos.

Conforme Serpa (2007):

*A paisagem resulta sempre de um processo de acumulação, mas é, ao mesmo tempo, contínua no espaço e no tempo, é uma sem ser totalizante, é compósita, pois resulta sempre de uma mistura, um mosaico de tempos e objetos datados. A paisagem pressupõe também um conjunto de formas e funções em constante transformação, seus aspectos “visíveis”, mas, por outro lado, as formas e as funções indicam a estrutura espacial, que é, em princípio, “invisível” e resulta sempre do casamento da paisagem com a sociedade. (p.15)*

Neste sentido, podemos considerar a paisagem nos termos da seguinte relação:



Relação paisagem-formas-attitudes humanas. Org.: SOUZA, Reginaldo.  
 Fonte: SOUZA, Reginaldo, 2010.

De modo que, a nosso ver, a paisagem sempre implicará não apenas nas formas produzidas a partir das ações da sociedade, mas na própria influência que estas formas exercem nas atitudes das pessoas quotidianamente. Esta relação não se manifesta de maneira cíclica certamente. Existem aspectos subjetivos em seu conteúdo. Sua evolução ocorre de modo espiralado. Acompanhando toda dialética inerente ao próprio indivíduo; ao indivíduo em suas relações com o outro e à sociedade com o seu território.

Metaforicamente podemos dizer que a paisagem é algo como uma “explosão” entre aparências e essências, entre a objetividade e a subjetividade. Assim, consideramos de extremo interesse levar em conta uma abordagem que faça referência à percepção dos indivíduos: às pessoas que constroem e/ou vivenciam as suas paisagens. Assim:

*Parfois il faut laisser la notion se dérober des concepts qui voudraient l'encadrer dans une définition trop rigoureuse. L'important est de bien se positionner et d'avoir clair à l'esprit les objectifs de son analyse. Après, s'il y a plusieurs concepts et définitions qui sont en accord avec l'intérêt de la recherche, pourquoi pas? Pourquoi en choisir seulement un, ou encore essayer d'en produire un nouveau alors qu'on peut considérer*

*que les choses essentielles ont été dites?*<sup>3</sup> (RENÓ, 2009, p.82)

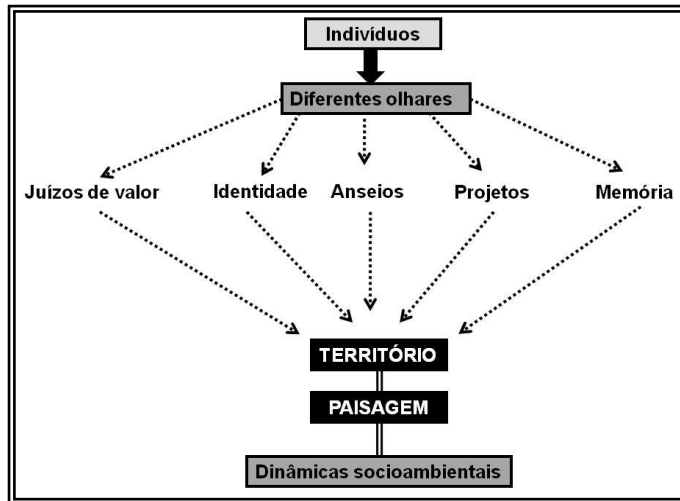
É importante destacar que não pretendemos, aqui, construir uma nova possibilidade de análise da paisagem – até porque o tratamento de seus aspectos simbólicos vem sendo desenvolvido desde muito tempo por diversos autores -, mas sim adotar alguns elementos deste tipo de abordagem que enriquecem a análise sobre as dinâmicas socioambientais em nossa área de estudo.

Conforme apresentamos, diferentes autores consideram a dimensão subjetiva da paisagem em seus estudos (BERTRAND, SANTOS, RENÓ, SERPA, RIBEIRO etc.). As abordagens destes autores nos remeteram à importância da análise da percepção das pessoas como forma de se obter informações sobre as dinâmicas socioambientais no território.

Com base nestas nuances teóricas, montamos um esquema (1) que nos auxiliou na elaboração do guia de questões que utilizamos para realizar as entrevistas semidirigidas:

---

<sup>3</sup> Às vezes é preciso deixar a noção se esquivar de conceitos que pretendem enquadrar em uma definição muito rigorosa. O importante é bem se posicionar e ter claro ao espírito os objetivos de sua análise. Depois, se há vários conceitos e definições que estão de acordo com o interesse da pesquisa, por que não? Por que escolher somente um, ou ainda ensaiar a produção de um novo se podemos considerar as coisas essenciais que já foram ditas? (Tradução nossa)



**Esquema 1:** Convergência de diferentes olhares sobre o território e a paisagem. Todas as formas de um indivíduo apreender seu espaço de vivência nos fornecem importantes elementos para aprofundarmos nosso conhecimento sobre as dinâmicas socioambientais em um dado território. (Org.: Reginaldo J. Souza, 2010.)

Os indivíduos projetam sentimentos diversificados sobre o território e sua paisagem. Estes olhares se entrecruzam a partir de:

- juízos de valor: as pessoas expressam as características positivas ou negativas, boas ou ruins a respeito dos lugares em que vivem;
- identidade: sentimento de pertencimento (ou não) a um determinado lugar;
- anseios: as pessoas esperam ou buscam transformações; temem (ou querem) certos acontecimentos;
- projetos: dos individualistas aos de bem comum – entre a busca individual e cotidiana pela sobrevivência em um determinado lugar até a organização coletiva para facilitar os meios de sobrevivência neste mesmo lugar (por exemplo: uma associação de moradores, uma cooperativa agrícola etc.)

- memória: as lembranças de acontecimentos passados; de fatos que marcaram/moldaram um determinado modo de ver *o* e agir *no* mundo.

A partir destas reflexões elaboramos o guia de procedimentos metodológicos que nortearam a realização das entrevistas, conforme se verificará a seguir.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

As entrevistas se prestaram à obtenção de informações sobre as diferentes formas dos moradores reagirem às paisagens do lugar em que vivem, as visões sobre as atuais condições de vida em suas propriedades e suas memórias sobre o passado em comparação ao que é vivenciado nos dias atuais.

A escolha dos entrevistados se deu a partir de uma reunião com os membros da Associação dos Produtores Rurais da Bacia do ribeirão Santo Antônio em Mirante do Paranapanema durante o mês de abril de 2009. Nesta reunião foram indicados alguns moradores do local, entre os próprios associados, conforme os seguintes critérios:

- ◆ Idade (moradores acima dos 40 anos de idade);
- ◆ Maior tempo de moradia no município;

A opção pelos habitantes mais antigos esteve relacionada ao nosso objetivo em analisar suas percepções das transformações históricas da paisagem.

Para a realização das entrevistas, elaboramos um questionário composto por basicamente 13 perguntas (Quadro 1). As questões foram estabelecidas conforme nossos objetivos em apreender a percepção da paisagem, o sentimento de identidade, enfim, a ligação que os moradores têm com o seu lugar de vivência. É importante frisar que estas questões não pretenderam - em nenhum momento das entrevistas - gerar respostas fechadas ou exclusivamente objetivas.

Gravamos todas as entrevistas em áudio, posteriormente as transcrevemos e analisamos os discursos dos moradores<sup>4</sup>. O produto deste trabalho será exposto no próximo item do texto.

**Quadro 1:** Guia de questões que conduziu as entrevistas.

<b>Guia de questões: percepção da paisagem</b>	
<b>Questões</b>	<b>Intenções</b>
<b>1-</b> Nome, idade, estado civil, com quem mora.	Conhecer o perfil dos moradores ou proprietários da bacia do Ribeirão Santo Antonio.
<b>2-</b> O Sr.(a) gosta de viver neste lugar? Por quê?	Analisar a ligação com o lugar, o sentimento de identidade, de pertencimento.
<b>3-</b> Sempre morou aqui? <b>3.1-</b> Sim: já teve oportunidade para viver em outro lugar? Quais os motivos que lhe fizeram ficar aqui? <b>3.2-</b> Não: onde é que também já morou? Durante quanto tempo? Quais os motivos que lhe fizeram sair daqui? O que fez com que o Sr. (a) voltasse para cá? Quando esteve fora, do que sentia mais falta (coisas, lugares, pessoas...)?	Objetiva-se perceber se desde a primeira vez que a pessoa chegou à sua propriedade, nunca tenha mudado e o que fez com que nunca mudasse, em caso de oportunidade para tal. Verificar o que impulsionou a saída do lugar, se sentiu falta de alguma coisa demonstrando uma ligação e o que impulsionou o retorno.
<b>4-</b> Como era este lugar no passado (10, 20, 30 anos atrás)? O município mudou muito deste tempo até os dias de hoje? Em sua opinião quais foram as principais mudanças?	Pretende-se comparar como era a paisagem da bacia do ribeirão Santo Antonio no passado e como é na atualidade, se os moradores perceberam as mudanças, o que eles acharam dessas mudanças, se melhorou ou piorou a paisagem.

---

<sup>4</sup> Além deste tratamento das informações, também utilizamos a fotografia como recurso para capturar as paisagens marcantes na opinião dos entrevistados. O leitor certamente perceberá tal fato no momento em que apresentarmos a sistematização das entrevistas. Porém, o material fotográfico obtido não será exposto no texto.

<b>5-</b> Quando o senhor (a) pensa neste lugar em que vive, qual é a primeira imagem que lhe vem na cabeça?	A intenção é que os moradores digam qual a paisagem que mais os marcou, a de maior importância na vida deles.
<b>6-</b> Qual é a importância do córrego e/ou de suas nascentes no seu dia-a-dia?	Verificar se os moradores sentem a necessidade da existência do rio, tanto em termos econômicos quanto em termos de afetividade.
<b>7-</b> Como o senhor (a) avalia a situação dos recursos naturais neste local? (Está boa? Ruim? Por quê?).	Avaliar como os moradores percebem os recursos naturais e deles se apropriam; se conseguem apontar mudanças ao longo do tempo.
<b>8-</b> De que forma o senhor (a) pensa o futuro deste lugar?	Verificar se os moradores possuem alguma perspectiva para o futuro da bacia do ribeirão Santo Antônio. Procurar que eles expressem suas esperanças.
<b>9-</b> Qual imagem (ens) o senhor (a) levaria deste lugar em caso de uma mudança amanhã? Por que esta imagem?	A intenção é extrair um sentimento que os moradores possuem das paisagens que fazem parte do cotidiano de cada um deles, uma paisagem que seja íntima.
<b>10-</b> Quais fotografias o senhor (a) enviaria a um parente que está distante para que ele conheça o lugar onde vive?	Verificar quais paisagens os moradores consideram que são importantes na estruturação da propriedade e que a identificam. Uma paisagem identitária.
<b>11-</b> Quais paisagens, ou quais elementos da paisagem lhe choca mais. Qualquer coisa que você considere negativo e que você gostaria que desaparecesse.	Paisagem que seja desfigurada, que não tem valor para o proprietário e que, portanto deveria desaparecer.
<b>12-</b> Quais paisagens você pensa que deveriam ser fotografadas porque daqui a algum tempo elas não existirão mais? Em sua opinião, por quais motivos esta (s) paisagem (ens) deixará (ão) de existir?	Verificar se os moradores percebem mudanças drásticas na paisagem e o que pode vir a desaparecer.
<b>13-</b> A sua vida neste local está melhor agora do que no passado? Por quê?	A intenção é perceber se os moradores preferiam a vida do passado ou a atual. A ideia é apreender como as transformações socioeconômicas no município influenciam a opinião do morador sobre suas atuais condições de vida.

## **ANÁLISE DAS ENTREVISTAS**

A partir dos critérios apresentados, optamos pela seleção de nove moradores cujas residências se encontram (mormente) entre a alta e média bacia do ribeirão Santo Antônio<sup>5</sup>. Antes de tudo, destacamos que o texto a seguir será estruturado em 13 itens correspondentes à ordem das questões estabelecidas em nosso guia de entrevista.

## **PERFIL DOS ENTREVISTADOS**

Os moradores entrevistados na bacia do ribeirão Santo Antônio estão em uma faixa etária entre os 48 e 78 anos de idade. Em sua maioria, sempre moraram em propriedades rurais, compartilhando da moradia ou apenas com o (a) cônjuge ou com este (a) e a companhia dos filhos. Muitos deles são aposentados e complementam sua renda com a pequena produção de leite.

## **IDENTIDADE E PERTENCIMENTO: A LIGAÇÃO COM O LUGAR**

Quando indagamos os moradores da bacia do ribeirão Santo Antônio sobre seu gosto ou não pelo lugar onde vivem, foi quase unânime a resposta “sim”, sempre acompanhada de um complemento em seu discurso no intuito de reforçar esta afirmativa: “... porque aqui foi o lugar onde a gente se criou...” (José Donizete C., 48 anos); “... por causa do sossego, a resposta é na ponta da língua...” (Maria Alice A., 69 anos); “... porque sempre me dei bem neste lugar...” (Dionísio M., 60 anos); “... é um bairro muito sossegado”... (Maria Rosa M., 70 anos);

---

<sup>5</sup> Vale frisar que dois entrevistados, dentre os nove que selecionamos, não moram mais neste local, porém, possuem lembranças/fontes significativas de informações para que incluíssemos na presente análise.



É importante destacar que um dos entrevistados, embora tenha demonstrado certa reticência ao responder “... não muito...” (Oswaldo M., 68 anos), isto se deu porque é na cidade que ele e sua esposa vivem atualmente. O entrevistado apontou alguns fatores negativos que o levou a deixar sua propriedade na bacia do ribeirão Santo Antônio e passar a viver na área urbana de Mirante do Paranapanema: o problema da distância entre a propriedade e os serviços de saúde do município; este é certamente um fator negativo tanto para o entrevistado quanto para sua esposa porque ambos apresentam problemas de saúde que exigem certos cuidados.

O entrevistado gosta de sua propriedade (atualmente administrada por um funcionário) e da ideia de nela voltar a viver - há felicidade e empolgação quando se refere ao sítio. O que lhe causa certo desagrado é não poder realizar seu desejo devido aos seus problemas de saúde.

## **A PERMANÊNCIA NO LUGAR**

Diante de nossa pergunta sobre o tempo de permanência ou períodos de ausência dos entrevistados, seja na bacia do ribeirão Santo Antônio ou no município, tomamos conhecimento de que quatro pessoas deixaram sua propriedade ou o trabalho naquelas terras e foram morar: no município de Santo Anastácio (“Já moramos em Santo Anastácio” - Maria Rosa M.) -, Dracena e Ribeirão dos Índios (Maria Alice A.); no município de Ponta Porã-MS (“Só passei um ano no exército, em Ponta Porã” - Quintino M., 72 anos) e em São Paulo (“Mas fiquei um mês, só” - José Donizete C.). Os outros entrevistados alegaram nunca terem deixado suas terras ou o município de Mirante do Paranapanema, seja por falta de oportunidade ou simplesmente pela própria vontade em permanecer. Dois deles não vivem mais na bacia do ribeirão Santo Antônio, de modo que um está no distrito de Costa Machado e o outro na área urbana do município.

É interessante destacar os motivos do retorno dos entrevistados que ficaram por algum tempo ausentes. Geralmente alegaram o apego e o costume à vida no local. Uma das entrevistadas evidenciou que nunca mais se deslocou para outros lugares após ter adquirido sua propriedade devido ao prazer que tem em realizar seus serviços no campo bem como ao sossego que conseguiu encontrar (Maria Alice A.). Outro entrevistado nos respondeu que gostava muito da lavoura e era acostumado com o sítio, por isso resolveu deixar a capital do estado e voltar à vida rural, estando totalmente enraizado à sua terra, ao seu lugar de moradia - “Cidade pra mim é só pra passeio” (José Donizete C.).

## **TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM NA PERSPECTIVA DOS ENTREVISTADOS**

Sobre as principais transformações paisagísticas apontadas pelos entrevistados, a maior parte dos aspectos dizia respeito à passagem da produção com base na lavoura (sobretudo tendo o algodão e o amendoim como principais produtos) para as pastagens nos dias atuais. Comumente, após estes apontamentos, fizeram menções ao esvaziamento populacional na área da bacia do ribeirão Santo Antônio: um dos entrevistados falou – nostálgico - sobre o fim da lavoura e imediatamente lamentou a partida de vizinhos, amigos e familiares: “Aqui antes era melhor porque era cheio de lavoura, entendeu? Você chegava no sítio aqui, era cheio de gente, era pai, era as irmandade tudo”. (José Donizete C.);

É interessante destacar que alguns entrevistados também aludiram aos impactos ambientais ocorridos tanto na bacia quanto no município: o assoreamento do córrego, a retirada da vegetação ciliar e o desmatamento de um modo geral: “... tinha córrego que eu cansei de pescar de vara. Pegava cada traira! Hoje em dia você não pega mais. Não tem nada disso... tá tudo seco”. (Maria Alice A.); “... o povo tá derrubando os pé de pau perto do rio. O rio tá secando”. (Maria Alice A.); “No passado era mato. Era mata pura,

as pessoas chegavam lá e derrubavam pertinho do córrego”(Francisco L., 78 anos).

Outra resposta referente à questão sobre as principais mudanças que o entrevistado percebia, entre tempos pretéritos e o atual, foi muito interessante. Na visão de um deles, “o movimento da cidade era em função do povo do sítio, tinha um movimento, o povo comprava, era um povo alegre e hoje você vê a cidade, as pessoas com mão cruzada não tem para quem vender, acabou o estímulo, eu acredito que seja devido à agricultura” (Oswaldo M.). É importante salientar que este morador vive atualmente na área urbana do município, seu espaço de vivência, agora, é a cidade. Provavelmente por este motivo ele é capaz de fazer tal análise sobre a influência que o rural exercia sobre o urbano à época da produção agrícola mais intensa.

## **PAISAGEM E MEMÓRIA: UM ACONTECIMENTO MARCANTE NA VIDA DO ENTREVISTADO**

No intuito de melhor compreender a eventual ligação do indivíduo a alguma paisagem específica que estivesse vinculada a um acontecimento especial de sua vida, procuramos saber dos entrevistados qual seria ou quais seriam as imagens que lhe vêm em mente ao pensar no lugar em que vivem.

Regra geral, no discurso dos entrevistados houve referências à saudade de familiares e amigos/vizinhos que deixaram de viver ali. Na memória dos mais velhos, a saudade dos pais que faleceram e dos filhos que foram trabalhar em outras cidades. Mostraram muita saudade da alegria das festas, das reuniões de toda a família como também dos vizinhos, pois havia muitas pessoas morando na bacia, sendo que hoje muitos se sentem solitários.

Aludiram, também, ao progresso da lavoura no passado e que hoje em dia não existe mais. Em certos instantes foi possível perceber a ligação que os entrevistados faziam entre presença de familiares e amigos em sua propriedade com a prosperidade da

lavoura: “A primeira imagem que eu lembro é da família tudo junto e daquele progresso da lavoura né”. (José Donizete C.); “Açúcar nós fabricava, feijão nós colhia, arroz também. Era muito gostoso porque tinha amizade. Hoje você sabe que não tem amizade”. (Francisco L.)

Dentre os entrevistados, três deles nos responderam de modo um pouco diferente do comum, salientando a alegria pela compra da propriedade, a saudade dos tempos em que tinha mais saúde e capacidade para o trabalho no sítio e as dificuldades financeiras enfrentadas pela família: “Consegui comprar este sítio com aquele esforço, tocando aquela roça né, com um alqueirinho, um alqueire e pouco. Então eu penso nisso daí né”. (Dionísio M.); “A lembrança que eu tenho é uma saudade daqueles tempos que a gente tinha saúde, podia trabalhar...”. (Oswaldo M.); “Lembra quando a gente era criança, a dificuldade que a gente passava né? Era muito filho, era muitos irmãos”. (Carlos S., 57 anos)

## **A IMPORTÂNCIA DO CÓRREGO NO QUOTIDIANO DOS MORADORES**

Tomamos como objetivo, neste momento das entrevistas, conduzir o discurso dos entrevistados para o valor simbólico e também econômico que o ribeirão Santo Antônio tem em suas vidas.

As respostas foram bem diversificadas. Um dos aspectos mais destacados foi a importância do córrego para a criação de gado, o que não nos surpreendeu diante da predominância das pastagens no local. Além do mais, os moradores frisaram a importância das nascentes que tem em sua propriedade, sobretudo para a manutenção do ribeirão: “Tem muita importância as nascente. Se não fosse as nascente não existia o rio né”. (Dionísio M.); “Eu tenho grande privilégio porque nascem três nascentes na minha propriedade. Inclusive tem até uma água mineral, mas não posso desenvolver ela porque fica muito caro. A microbacia começa na minha propriedade”. (Oswaldo M.)

Alguns moradores nos falaram, com certa angústia, sobre o assoreamento do ribeirão: “Assoreou tudo. Tem gente que fala em recuperar o rio, mas não vai recuperar não. Tá muito tarde, não recupera não”. (Quintino M.); “A gente lavava roupa. Morava aqui, mais ia lavar de oito em oito dias e lavava lá no córrego. Agora você não vê nada mais. Se acabou tudo. Acabou tudo”. (Maria Alice A.). Os moradores vêem a degradação do rio como algo sem solução, não possuem mais a esperança de que ele volte a ser o que era antes, isso devido ao fato de terem presenciado – e, conseqüentemente, percebido – a grande mudança que ocorreu do passado para os dias atuais: antes o rio era profundo e agora, não mais...

Outro aspecto destacado pelos entrevistados foi a importância do ribeirão, no passado, para a pesca (fosse em momentos de dificuldades financeiras, conforme a senhora Maria Alice A., ou para pescaria de lazer); os banhos no rio e uso da força da água para movimentar um moinho de fubá -que não existe mais- foram detalhes lembrados por dois entrevistados de origem húngara (senhores Carlos S. e Francisco L.).

## **AVALIAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS**

A respeito da percepção dos entrevistados sobre o estado dos recursos naturais locais ao longo dos anos, a maior parte deles respondeu que a situação está ruim. A perda da qualidade do solo, a diminuição da quantidade de água no ribeirão Santo Antônio e a escassez de chuvas foram as principais queixas dos moradores.

Neste sentido, consideramos muito interessante as colocações de uma entrevistada ao afirmar que, no ano de 1946, quando adquiriu sua propriedade na área da bacia, a terra já estava fraca para o plantio de algodão (Maria Alice A.). Fato este que lhe trouxe prejuízos financeiros diante do crescimento insuficiente da lavoura.

## **EXPECTATIVAS PARA O FUTURO**

De um modo geral, os entrevistados possuem uma visão pessimista a respeito do futuro da bacia do ribeirão Santo Antônio. Suas respostas expressaram isto. Certamente as respostas não foram semelhantes, porém, ao realizarmos a transcrição das gravações percebemos o pessimismo sobre o futuro como elemento comum no discurso dos entrevistados.

Um deles apontou a falta de oportunidades para os habitantes mais jovens como um dos fatores que levam ao esvaziamento populacional; tal fato aliado a falta de políticas públicas para a agricultura, na visão do morador (José Donizete C.), levam a dúvidas sobre a vida futura e o próprio destino da sua propriedade; considera que só será possível permanecer no local aqueles que forem aposentados por terem a própria aposentadoria como garantia financeira.

Diante do aumento do cultivo de cana na região do Pontal do Paranapanema, perguntamos sobre a possibilidade dos moradores arrendarem sua propriedade para este tipo de produção. Via de regra, eles se mostraram reticentes. Não acreditam que a produção canavieira possa melhorar as condições de vida do pequeno proprietário assim como outros cultivos não responderam a expectativas em outros momentos: “Porque aqui foi o algodão, foi o amendoim, foi a mamona, foi o milho, foi a soja. Tudo foi bomba” (Marcelino M.). Afirmam que o pequeno proprietário não irá arrendar sua propriedade para cultivar a cana.

## **PAISAGEM ÍNTIMA: O QUE O ENTREVISTADO LEVARIA DO LUGAR EM CASO DE MUDANÇA**

Entendemos a paisagem íntima a partir de algum sentimento que o morador confere a coisas, locais ou pessoas que fizeram ou ainda fazem parte de seu cotidiano. Consideramos que a relação entre o morador com o seu espaço de vivência pode ser apreendida de maneira mais aprofundada a partir da tentativa

em compreender seus sentimentos, os significados e os valores dedicados ao lugar e suas paisagens.

As respostas dos moradores ao serem questionados sobre que imagem ou imagens levariam do lugar onde vivem – em caso de uma mudança futura – nos remeteram, na maior parte das vezes, a algo que poderíamos chamar de “paisagens sentimentais”. O sossego da vida rural; a saudade de parentes ou amigos; a nostalgia aos tempos do progresso da lavoura no passado bem como do trabalho na mesma; saudade – inclusive – da força física e alta capacidade para o trabalho que hoje em dia são impedidas pelos problemas de saúde típicos da idade em que se encontram: “... a saudade que a gente não pode estar ali trabalhando”. (Oswaldo M.)

Também foi possível perceber, por meio do discurso dos entrevistados, o apego aos aspectos materiais da paisagem: a propriedade em si, a roça, o gado, as árvores, o rio (principalmente no passado). Porém, as expressões deste apego também se vincularam às emoções: lembrança de filhos que ali não vivem atualmente; amigos; festas; união familiar no passado, propiciada pelo dinamismo do trabalho na lavoura; dos esforços ao adquirir a propriedade. Às vezes esta carga de sentimentos fazia com que os moradores ressaltassem o fato de que não pretendem partir para outros lugares: “Eu não pretendo mudar” (Oswaldo M.); “Eu, só daqui pro cemitério” (Quintino M.).

## **PAISAGEM IDENTITÁRIA: COMO O ENTREVISTADO APRESENTARIA SUA PROPRIEDADE**

Procuramos entender como o morador da bacia do ribeirão Santo Antônio se referiria às principais características de sua propriedade para alguém que ainda não a conhecesse. Mencionamos a ideia de um “parente distante” para sermos mais didáticos em nosso questionamento (Quais fotografias o senhor enviaria a um parente que está distante para que ele conheça o lugar onde vive?). A intenção era a de obter os elementos de

maneira mais objetiva possível porque neste momento das entrevistas solicitamos aos entrevistados que apontassem paisagens a serem fotografadas naquele instante.

Notamos que as manifestações de interesse se detiveram pela captura de fotografias das residências e de outros elementos presentes nas respectivas propriedades (árvores, pomar, estrada, represa).

O pedido pela fotografia da residência foi o mais comum. Isso, provavelmente, está ligado ao declínio da lavoura: o tempo de trabalho que antes lhe era dedicado, atualmente não é mais o mesmo. Assim, a casa se tornou o local de maior permanência da maioria dos entrevistados. É onde passam maior parte de seu tempo. Talvez seja por isso que lhe destinam tanta afeição: na casa há representação/projeção de suas vidas.

## **ASPECTOS NEGATIVOS DA/NA PAISAGEM**

A respeito dos aspectos paisagísticos que incomodam os entrevistados, suas respostas foram diversificadas. Dentre elas, optamos por destacar as queixas de dois moradores a respeito da possibilidade de transtornos com o aumento da produção canavieira nas proximidades de suas propriedades: “Quando começaram esse plantio aí de cana eles têm que passar dentro da minha propriedade. Já aborreceu um pouco. Minhas porteiras, já quebraram minhas porteiras. Quer dizer, você faz uma coisa pra depois quebrarem né, você não fica contente”(Dionísio M.); “Tá havendo uma coisa que vai vim um aborrecimento aqui, eu acho, que é o negócio da usina da cana aí. Não tá aborrecendo ainda, mas futuramente vai aborrecer. Vai ser queimação. Eu gostaria que tivesse lavoura ao invés da cana” (José Donizete C.).

Alguns entrevistados se mostraram reticentes e não apontaram nenhum aspecto negativo em suas propriedades ou circunvizinhanças. Outros falaram de coisas corriqueiras: sujeira gerada por poeira e folhas secas; animais invasores que matam criações (aves).



## **PAISAGENS EM MUTAÇÃO**

Para entendermos a visão dos moradores a respeito das paisagens em mutação na área da bacia, solicitamos que os entrevistados nos apontassem alguns elementos que pudessem ser fotograficamente registrados diante da possibilidade de deixarem de existir.

Um dos moradores não nos sugeriu nenhuma fotografia, pois, em sua opinião, o que não deveria desaparecer, havia desaparecido: “As matas não deveriam ter desaparecido” (Francisco L.).

Outro morador fez uma colocação interessante. Para ele os pastos deveriam ser fotografados perante a possibilidade de se tornarem áreas de cultivo de cana: “A paisagem é o capim né, os pastos. Pode ser que qualquer dia muda pra cana né” (Dionísio M.).

As respostas mais subjetivas se caracterizaram por alusões às “paisagens sentimentais”: fotografias dos tempos em que um morador domava animais (Quintino M.); fotografias dos filhos que não moram mais na propriedade (Maria Alice A.); fotografias de objetos simbólicos (valorizados por remeterem a lembranças de alegrias passadas, dos pais, da infância)...

## **COMPARAÇÕES ENTRE O PASSADO E O PRESENTE**

Para finalizar as entrevistas, pedimos aos moradores que avaliassem suas atuais condições de vida com relação ao passado e expusessem sua preferência por este ou aquele momento.

Regra geral, as preferências pelas condições de vida (no presente ou no passado) foram muito relativas quando consideramos o grupo dos entrevistados. Alguns afirmaram que nos dias de hoje possuem uma vida mais confortável. Outros afirmaram que nos dias de hoje a situação é mais difícil. Entre eles, também estiveram aqueles com opiniões flutuantes (“hoje

está melhor em termos...”; “hoje está bom, mas o passado era melhor...”; “aquele tempo era bom, mas hoje está melhor...”).

Para os que preferem as condições atuais de vida, os motivos estão ligados ao maior conforto proporcionado por serviços de infra-estrutura (eletricidade, água encanada, comunicações) e pela diminuição do esforço físico para o trabalho na propriedade (devido à aposentadoria ou à produção de leite – atividade menos exigente se comparada à lavoura).

A opinião dos mais apegados à vida melhor no passado é formada a partir da lembrança do dinamismo da produção agrícola (algodão e amendoim) e, para alguns, da saúde física e maior capacidade para o trabalho mais pesado na lavoura.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para finalizar a reflexão a respeito da realização das entrevistas, novamente destacamos que nossos objetivos se detiveram em melhor compreender a maneira pela qual a população local apreende seu espaço de vivência e reage às atuais configurações da paisagem ao rememorar o passado, determinados acontecimentos marcantes e, sobretudo, as transformações socioambientais ocorridas no município de Mirante do Paranapanema.

É importante salientar que não priorizamos, em nenhum momento, a análise quantitativa das informações que tomamos conhecimento durante a realização das entrevistas. Estabelecemos um guia de questões, porém, sem a intenção de obter respostas objetivas das pessoas entrevistadas. E assim o foi. Baseamos as entrevistas naquele guia previamente planejado para que seguissemos uma ordem de perguntas mais ou menos semelhantes com todos os entrevistados. Variações na condução destas perguntas ocorreram de um modo geral. Desta forma, jamais seria possível tentar elaborar uma análise de cunho quantitativo/estatístico a respeito da subjetividade dos indivíduos entrevistados.

Assim, acreditamos que não nos seja permitido concluir, enquadrar e encerrar a nossa análise. Pudemos, isto sim, levantar algumas considerações sobre a relevância do discurso das pessoas entrevistadas para aprofundarmos nosso conhecimento a respeito das dinâmicas socioambientais neste território.

Inclinamo-nos aos fundamentos teóricos de alguns autores no que diz respeito à abordagem geográfica de categorias como território, paisagem e ambiente (conforme apresentado no início deste texto). As nuances teóricas apresentadas nos motivaram buscar, na percepção dos moradores da bacia hidrográfica, alguns elementos importantes para uma compreensão – que procura fugir de setorizações – não apenas da paisagem em si. Mas da paisagem inserida em um território. Uma paisagem viva e que se transformou/transforma no decorrer do tempo. Uma paisagem entre natureza e sociedade, (in)tensamente (re)desenhada ao ritmo da história movida pelos homens. Uma paisagem objetiva/visual, mas também subjetiva/emocional.

Por meio das entrevistas pudemos claramente captar estas duas dimensões presentes nas falas dos moradores entrevistados. Aludiram aos aspectos físicos da paisagem. Lamentaram a atual ausência da lavoura nas propriedades rurais – tanto nas suas quanto em propriedades vizinhas. Visualizam a degradação do ribeirão Santo Antônio. Alguns afirmam, definitivamente, que a situação negativa em que o ribeirão se encontra é irreversível. Os entrevistados nos falaram de coisas e situações possíveis de serem captadas tanto pelos seus quanto por nossos olhares no exato momento em que conversávamos com eles.

Também nos falaram de coisas que não poderíamos visualizar diretamente no território. Suas memórias. A saudade de acontecimentos que ainda não se perderam no tempo porque fazem parte do conteúdo mais profundo de suas lembranças. Alguns sentem falta dos pais que pesadamente trabalharam para conquistar a terra e manter a propriedade. Outros, de irmãos e amigos que foram embora porque a vida no local se tornou mais difícil. Festas. Reuniões em família. Saúde física e maior

capacidade para o trabalho... Paisagens? Sim. Talvez em um sentido transcendental, onde nossa postura acadêmica encontra limites para extrair e esmiuçar certas informações.

*[...] nous trouvons quelques fois dans les discours sur le paysage des références sur des éléments et/ou situations qui n'existent plus physiquement, mais qui sont le paysage ou qui le composent<sup>6</sup>. (RENÓ, 2009, p.78)*

Diante disto, o que podemos, então, fazer?

Antes de tudo, reforçar a ideia da paisagem como categoria híbrida – assim como outras no contexto da ciência geográfica. Justamente por assim ser, ela assume grande relevância para a compreensão de certos fenômenos socioambientais. Espaço, território, paisagem, lugar, ambiente etc. são produtos/processos que resultam/irrompem nos limiares entre natureza e cultura. A escala do cotidiano é aquela na qual este contato é sentido de maneira mais imediata. As pessoas que dão vida ao cotidiano de seus lugares têm a (s) sua (s) visão (ões) de mundo e, dependendo do grau de enraizamento ao espaço de vivência, este mundo não ultrapassa a linha do horizonte. Mesmo em se tratando de um horizonte composto por pastagens pobres assentadas em arenitos muito friáveis, facilmente erodidos e “recortados” por um córrego em nítido processo de assoreamento.

O apego do indivíduo ao lugar facilmente pode surpreender aquele que tenta o analisar não estando totalmente inserido naquela situação. O pesquisador se questiona: o que motiva alguém a gostar de viver neste ou naquele local? Será que este ou outro indivíduo (um morador entrevistado, por exemplo) não poderia adotar uma estratégia para não impactar – de modo negativo – a vertente, a mata ciliar, o curso d’água? Será que esta

---

<sup>6</sup> [...] algumas vezes nós encontramos, nos discursos sobre paisagem, referências sobre elementos e/ou situações que não existem mais fisicamente, mas que são a paisagem ou a compõe. (Tradução nossa)

ou aquela pessoa se sente de alguma forma responsável pela degradação da qual ela própria levanta queixas? Não nos é permitido encerrar uma opinião pronta, um juízo de valor...

Devemos procurar, por meio de nossos estudos, intervir de alguma forma na realidade. Podemos oferecer fontes de informações por meio de nossas pesquisas. Podemos diagnosticar e prognosticar cenários. Pensar em estratégias que vão ao encontro de propostas de desenvolvimento local sustentável, minimizando certos desequilíbrios em benefício tanto das sociedades quanto de seu meio ambiente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERTRAND, Claude. BERTRAND, Georges. **Une Géographie Transversière. L'environnement à Travers Territoires et Temporalités**. Paris : Éditions Arguments, 2002.

\_\_\_\_\_. **Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**. Org.: Messias Modesto dos Passos. Maringá: Ed. Massoni, 2007.

DEMATTEIS, Giuseppe. O Território: Uma Oportunidade para Repensar a Geografia. In: SAQUET, Marcos A. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

MATURANA, Humberto. O que se observa depende do observador. In: **GAIA: Uma Teoria do Conhecimento**. São Paulo: Gaia, 2001.

PINTO, L. GASPAR, J. **Planeamento e gestão participada da paisagem**. Disponível em: <<http://www.esac.pt/cernas/T2-45.pdf>>. Acesso em: abril, 2009.

RAFFESTIN, Claude. O que é o Território? In: **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993. p.144-220.

RENÓ, Fernanda A. Pinto. **Le Sertão Mineiro: Un territoire à la recherche de ses paysages et de ses identités**. These. Doctorat de l'Université de Toulouse. Delivré par l'Université de Toulouse II. Géographie de l'Aménagement – Environnement et Paysage. 2009.

RIBEIRO, Rafael W. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

RISSO, Luciene C. Paisagens e cultura: uma reflexão teórica a partir do estudo de uma comunidade indígena amazônica. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro, n.23, p. 67-76, janeiro/junho de 2008.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo; Razão e Emoção**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. **Técnica, Espaço, Tempo**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAQUET, Marcos A. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

\_\_\_\_\_. Proposições para Estudos Territoriais. In: **GEOgrafia**, ano VIII, n.15, p.71-85, 2006.

SERPA, Ângelo. Parâmetros para a construção de uma crítica dialético-fenomenológica da paisagem contemporânea. In: **Revista Formação**, n.14, v.2. Presidente Prudente: Unesp, 2007.